

PRAZER-REALIDADE E ATIVIDADE TRABALHO (RABISCOS ÀS MARGENS DE MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930) DE SIGMUND FREUD)

Lelita Oliveira Benoit¹

Introduzindo

De certo princípio parto, e é de tal princípio que iniciarei breve conversa. Princípio posto: Sigmund Freud jamais se deteve exaustivamente em questões que envolvem a temática *trabalho*. Nada desprezível é assinalar que tal importante assunto jamais foi banalizado por Freud, pois era, ele próprio, incansável trabalhador, tanto teórico quanto prático, e também se destaca, talvez antes e acima de tudo, como escritor de belos textos, da mais pura literatura, que ainda agora nos deleita e alegra. Pois a literatura, a escrita de algo belo, mesmo que dolorosa se revele, como nos lembra Jorge-Luis Borges, tem que nos trazer alegria, e sempre muita alegria.

Do interior desse conjunto de prazerosos e diversos trabalhos, realizados de ponta a ponta em vasta produção teórica e meditação sobre a prática médica, surge, com Freud, a criação do radicalmente novo: o campo denominado “psicanálise” [*Psychoanalysis*]. E é bastante difícil definir tal saber em poucas e breves palavras, pois “psicanálise” é termo escorregadio entre os vãos de conceitos precisos ou não, a vaguar por nossa vida, a qual nos concerne sempre, de um lado ou de outro, seja para a afastar com horror, ou para a aceitar em suas teses controversas, elaborando perguntas e dúvidas intermináveis. A psicanálise volta-se para a reflexão a respeito do psiquismo humano, ou como talvez diria o próprio inventor Freud, ela dirige seu olhar _ olhar fantasmagórico ou fenomenológico, ou _ e aqui despencamos no abismo do desconhecido _ olhar em *direção ao aparelho psíquico*, que instala-se no corpo vivo dos humanos. Aliás, Freud, ele próprio, começou a se desvelar em processos de árdua autoanálise.

Avancemos pois no sentido do princípio posto, e meditemos a respeito das relações do psiquismo com a atividade nomeada *trabalho*.

¹ Doutora em Filosofia (FFLCH-USP) e escritora. Professora de Filosofia da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. Tem Extensão em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae (SP) e Formação em Psicanálise na CLIPP (Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise). Autora de tese de doutorado em Filosofia, intitulada Sociologia comteana: gênese e devir, publicada pela Discurso Editorial em 1999, livro pelo qual recebeu indicação ao Prêmio Jabuti, posteriormente publicada na França com o título Sociologie comtienne: génès e et devenir (Harmattan, 2007). É poeta e publicou o Livro da Madrugada, e de outras enigmáticas horas amorosas (Iluminuras, 2013).

Psiquismo e Atividade trabalho

Existem, sabemos todos nós, outros aparelhos complexos além do aparelho psíquico, os quais habitam o corpo vivo dos humanos, o nosso corpo, tais como o aparelho digestivo, o olfativo, entre outros, e também, o neurológico, sempre enfatizando que, com este último, o aparelho psíquico nunca deve ser confundido, embora com ele mantenha relações complexas, por vezes, mágicas ou fantasmagóricas, e de difícil deciframento. Lembremos ainda que o aparelho psíquico se coloca no corpo humano *sem* localização precisa, sendo de certo modo o que nos confere *subjetividade*, o lugar inominável e invisível da subjetividade humana.

E quem de nós pode afirmar que desconhece ser o trabalho, antes de mais nada, uma *atividade* exercida pelo corpo _ ou nosso *movimento em direção ao* construir o “mundo externo”, segundo palavras de Freud _ e quem desconhece essa externalidade objetiva é constituída por objetos manufaturados, ou seja, criados por tal singular atividade humana, o trabalho?

É essencial recordar ainda que a atividade de homens e mulheres _ ou o seu trabalho _ tem semelhanças com aquela exercida por abelhas e formigas, ou ainda a de outros seres do mundo natural. Difere destes por ser movida por *projeto* ou *idéia*, os quais antes habitaram o psiquismo de determinado ser humano, ou de muitos deles, que, em trocas criativas e produtivas de seus respectivos projetos ou ideias, o concretizam, objetivando-o no mundo externo.

Impossível, aliás, esquecer aqui de reflexões de Marx, ao dizer que “a utilização da força de trabalho é o próprio trabalho”². E quem se utiliza desta força inimitável e única, que pode ser indiferentemente um homem ou uma mulher, ou então, pode também ser alguém que se apropria da força alheia, de tal atividade trabalho, não deveria ignorar que ela pertence *unicamente* aos seres que a projetaram em *logos*, em pensamento. A atividade trabalho, enfim, ata (ou deveria atar) um com outros em comunidade humana, a qual nasce através da construção coletiva do mundo exterior.

Se Freud nunca se voltou para o estudo detalhado da humana atividade nomeada *trabalho*, foi contudo um profundo conhecedor do aparelho psíquico que é, por assim dizer, o seu motor primeiro, o *habitat* natural de nossas iniciais elaborações em idéias e projetos³.

2 Marx, O Capital, Seção III, capt. 5: “Processo de trabalho e processo de valorização, p.149. (ver biblio.)

3 Lembremos que o aparelho psíquico, em sua riqueza e complexidade concreta, foi definido por Freud em duas “tópicas”, que sofreram reformulações, em diversos textos, de épocas distintas. Apanhamos apenas imperfeitas definições, desculpe-nos o leitor. Na “primeira tópica” freudiana, temos a “consciência”, o “pré-consciente” e o “inconsciente” (vale dizer sobre o inconsciente que se revela como zona oculta, nebulosa do psiquismo, habitada pelas pulsões ou instintos mais profundos e enigmáticos de nossa subjetividade). Primeira definição do psiquismo, foi reformulada por Freud, que criou a “segunda tópica”, na qual se entrelaçam formas abstratas e sem contornos definidos, imitando as pinturas modernistas como as de Paul Klee e Wladimir Kandinski (ver figuras 1 e 2). Para Freud, a indescrevível segunda tópica seria afinal composta do “Eu” (nosso velho (des)conhecido e que não coincide por completo com a consciência), o “Super-Eu” (no qual se mesclam a moral, os valores herdados, as figuras parentais idealizadas, e tendo afinidades com o kantiano imperativo categórico, com o dever ser incontornável, contudo, acredita Freud, que pouco ainda conhecemos a respeito do Super-eu), e por fim, o “Id” ou “Isso” (termo este emprestado por Freud do vocabulário do psicanalista alemão Georg Groddeck, e que corresponde aos nossos impulsos primários, aflorando em imagens _ disfarçadas _ dos sonhos e nos pensamentos sonhados, os chamados “pensamentos oníricos” ou por vezes, se mostram, igualmente em disfarces, nos famosos e populares “atos falhos”) (ver biblio. de Freud)

Retomemos então o fio de nossa conversa. O elevar-se de Freud a reflexões a respeito da atividade trabalho ocorreu em momentos bem significativos, e são expressivas as palavras que cunhou a ferro e fogo a respeito de tal assunto. Assunto? Não apenas um simples assunto ou temática teórica. Freud, ele próprio um trabalhador obsessivo (aliás, “obsessivo” é palavra recorrente no vocabulário psicanalítico), muito facilitou nossa presente investigação de desvelando das possíveis relações da atividade trabalho com o psiquismo.

Escreveu Freud algumas linhas essenciais a respeito de tais relações, na época em que se iniciava o desmoronamento da Europa, por volta de 1930, data esta que dispensa acuradas explicações. Do livro *Mal-Estar na Civilização*, escrito por Freud, exatamente nesse ano, recortei alguns enunciados. Saliento previamente o seguinte: *Mal-Estar na Civilização* ecoa forte em preocupações com o nosso agora, com a nossa época e com o destino futuro da atividade trabalho: é nosso mal estar, poderíamos assim dizer. Esse livro será o fio condutor para breves reflexões a respeito do incômodo sentimento que compartilhamos com Freud e com sua época⁴.

Livro tão famoso quanto o próprio Freud, *Mal-estar na civilização*, logo de início é marcado por latejantes palavras em longa nota-de-pé de página. Lemos ali:“(...) nos limites de um panorama sucinto, não será possível examinar satisfatoriamente a importância do trabalho para a economia libidinal” (*Mal-estar...*,p. 36). O querem nos comunicar tais palavras um tanto enigmáticas? O que Freud pretende nos transmitir quando se refere à *importância da atividade trabalho para a economia libidinal*?

Antes de tudo, está dito nesta nota, nas suas entrelinhas, que o trabalho possui, por certo, grande importância para a vida psíquica dos indivíduos. Pois, segundo Freud, a economia libidinal ou “libido”, em definição bastante breve, seria a manifestação, na vida psíquica, de instintos ou pulsões de profundos desejos _ desejos sexuais _ que buscam sua satisfação de qualquer modo, tentando romper, a todo custo, barreiras internas e profundas. Com o intuito de alcançar tal finalidade, os instintos sexuais se fixam em “objetos” (de desejo), ou pode ocorrer também da libido, quando desprovida de objeto, fixar-se em si mesma, na forma daquilo que Freud denominou “narcisismo”, aqui sendo apropriado o mito grego de Narciso, que se apaixonou pelo seu próprio rosto, refletido nas águas do lago de Eco.

Em outras palavras, em um dizer leve e quase não-freudiano: a libido, como e enquanto desejo que arde sob nossa pele, no lugar invisível e indizível da subjetividade, teria o poder de mover as pessoas a atos tais como o trabalho, mas também, poderia, quando reprimida, nos desmobilizar completamente, abandonando possíveis comunicações com o mundo exterior. Assim são as duas faces de uma mesma e única moeda _ o interno psíquico e o mundo externo _ e oscilando de modo vertiginoso entre elas, aos humanos acontecerá às vezes de se cindirem em suas escolhas imediatas, cisão que pode os conduzir à loucura, à psicose, ao delírio. Podem ser inumeráveis os momentos,

⁴ Para maiores esclarecimentos cf. Peter Gay, Freud, Uma vida para o nosso tempo, pp. 546-554, (ver biblio.).

escreve Freud, que atravessamos essa fronteira de sombras e fantasmas durante um único dia de nossas existências, de um lado para outro, e vice-versa.

Prossegue, nessa mesma longa nota, escrevendo Freud que “nenhuma outra *técnica da vida* prende a pessoa tão firmemente à realidade” _ ao mundo externo _ “como a ênfase no trabalho, que no mínimo insere [o indivíduo], de modo seguro, numa porção da realidade, na comunidade humana” (*Mal-estar...* p.36, grifo meu). Riqueza de significados que procuraremos decifrar. Avancemos, mais ainda.

Em geral, são chamados de *técnicas* os modos de praticar a psicanálise⁵. Porém na referida nota, a expressão *técnicas de vida* ganha outro significado: seriam os modos de nossa inserção ao mundo externo. Pois da comunidade humana somos parte, e nisto reside a construção, em nós mesmos, em nosso psiquismo, de uma espécie de *apoio psíquico* chamado por Freud de “princípio de realidade”. Então, apoiando-se psiquicamente ao *princípio de realidade*, o trabalho seria o fazer corporal, a ponte em direção à comunidade humana, e o modo eficaz de nos atarmos a ela, e de sermos parte do modo de produção da vida material e cultural, que partilha-mos com outros humanos.

Aprofundemos mais o significado psíquico da expressão *princípio de realidade*, para a existência do qual as realizações externas do ser humano que exerce a atividade trabalho parecem estar tão fortemente atadas. Investiguemos algumas passagens de outro breve e denso ensaio de Freud, intitulado “Formulações sobre os dois princípios que regem o funcionamento do psiquismo”.

“Há algum tempo”, escreve Freud no citado ensaio, “notamos que toda neurose tem a consequência, e provavelmente a tendência, portanto, de retirar o doente da vida real, de afastá-lo da realidade.” (“Formulações...”, p. 109, ver biblio.). E isso se explica _ o afastamento da vida real _ de modo bem simples: “os neuróticos dão às costas à realidade por considerá-la, no todo ou em parte, *insuportável*.” (Id.,lb., grifo meu). Vemos que a teoria freudiana doou, em suas próprias palavras, “significação psicológica ao mundo externo real”.

Ou, dizendo com outras palavras: busca-se a significação de recusa do mundo externo em algum momento da vida psíquica da pessoa analisada, significação essa que foi lançada à obscuridade, bem provavelmente perdida no inconsciente. Acrescente-se que este é o ponto de partida a ser desvelado durante as sessões de análise psicanalítica, à qual é submetido o doente afligido por males da psique, doando a esta pessoa a palavra, palavra livre de lógica fria, indo até os sonhos e os lapsos recorrentes na vida da psique, fazendo aflorar assim o sentido perdido da vida, uma interpretação possível que se encontra em palavras aparentemente desconexas, em frases desligadas umas das outras, em um caos de sentidos, muitas vezes.

Na verdade, tal ponto inicial pode ser, no inconsciente de todos nós, algo

⁵ Ou então, de “procedimentos terapêuticos” que podem levar o psicanalista de orientação freudiana à constituição de um quadro clínico do psiquismo de um paciente qualquer (entre outros, por exemplo, à definição, sempre maleável e em processos mutantes, de uma “neurose obsessiva”, de uma “histeria”, de um complexo “quadro psicótico”). (ver biblio. de Freud).

bastante semelhante aos “processos primários de origem filogenética”, vestígios de uma fase de desenvolvimento muito remota, e por isso, obscurecida pelo esquecimento, sendo necessário seu desvelamento, através dos procedimentos da análise psicanalítica. Contudo, prossegue Freud, é fácil imaginar ao que obedecem tais processos primários e inconscientes: no âmbito do psiquismo, devem se subordinar ao “princípio do prazer-desprazer”, ou mais sinteticamente, ao “princípio do prazer”. «Nossos sonhos noturnos», explica-nos Freud, “nossa tendência, quando acordados, de fugir às impressões penosas, são resíduos da dominação desse princípio [de prazer] e provas de seu poder” (“Formulações...», p. 111). Poder incomensurável, poderíamos acrescentar!

Avançemos, ainda mais. Quando sonhamos_ e o sonho é uma atividade sobretudo psíquica _ acontece o seguinte: *negamos*, ao sonhar, um dos princípios fundamentais do funcionamento do psiquismo, o princípio de realidade. E Freud vai empregar a palavra “ficção» para nos explicar o funcionamento desse complexo mecanismo. Antes de ter existência psíquica, o princípio de realidade _ grande intruso, por certo, mas ao mesmo tempo, imprescindível para a vida psíquica, e igualmente para a vida biológica e sobretudo, para a nossa existência em comunidade _ imaginemos agora! _ o princípio de realidade estava em “estado de repouso”, que foi interrompido por “exigências imperiosas de necessidades internas», tais como a fome e a sede. A necessidade impulsionou ou deu vida ao princípio de realidade, e “o estado de sono pode oferecer a imagem fiel da vida psíquica antes do reconhecimento da realidade (...), pois [o estado de sono] tem como pressuposto a negação intencional da realidade». Negação que nada mais seria que “o desejo de dormir», o desejo de fugir da realidade ou negá-la, pura e simplesmente (“Formulações...”, p. 111).

A vida do bebê é outro exemplo da ficção criada por Freud, ficção de um imaginado e fantasioso *estado de repouso*. “[O bebê] *provavelmente* alucina o atendimento de suas necessidades internas [como a sede e a fome], revela seu desprazer com o estímulo crescente e a ausência de satisfação, através da descarga motora dos gritos e do esperneio, e então experimenta a satisfação alucinada” (“Formulações...” grifo meu). Essa última, a *satisfação alucinada*, reinstala no bebê, embora apenas momentaneamente, o estado no qual impera o princípio de prazer, e se encontra nas vizinhanças de um estado de repouso absoluto, perdido para sempre em nós, seres dotados de psiquismo. E vale salientar que o estado primordial de repouso foi perdido também para os bebês, que, entretanto, estariam mais próximos de tal fracasso psíquico.

Escreve ainda Freud que, mesmo assim, o princípio de prazer vai aos poucos cedendo espaço ao princípio de realidade, embora, “(...) o domínio do princípio de prazer só [possa] realmente acabar quando há o completo desligamento psíquico dos pais”, ou seja, lá por volta do fim do período de latência, aos onze ou doze anos, mais ou menos. Quando isto falha, pode ou não, instalar-se rapidamente alguma doença psíquica (“Formulações...”, p. 112).

Enlaçamentos entre prazer-realidade e atividade trabalho

O outro princípio da atividade psíquica _ o princípio de realidade _ vai aos poucos se instalando, ganhando espaço, resultando em grandes transformações internas: "(...) já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável", e resulta ser "um passo de enormes conseqüências" ("Formulações...", p. 112), conseqüências estas que não detalharemos agora, pois parece ser por demais fácil de as identificarmos em nossas existências.

Contudo, há algo que merece nossa particular atenção. Vejamos do que se trata, nas palavras de Freud: "[existiria] uma tendência geral de nosso aparelho psíquico, que pode ser relacionada ao princípio econômico de poupança de gastos (...), tendência psíquica esta que parece manifestar-se no tenaz apego às fontes de prazer disponíveis e na dificuldade de renunciar a elas." O apego ao prazer teimosamente persiste, e é de se acreditar que uma grande parte da "atividade de pensamento permaneceu livre do teste de realidade e submetida somente ao princípio do prazer" ("Formulações...", p. 114). Tal atividade rebelde, anárquica, quase onírica em seu existir, foi chamada por Freud de "fantasia", e é facilmente encontrável nas brincadeiras das crianças. Por sua própria natureza tenaz, a fantasia, com seu séquito de rebeldia, de anarquia, em sua estranha existência onírica, pode persistir em idade posterior, na idade adulta sobretudo, e a esta persistência Freud dá o nome de "devaneio"⁶.

Sabemos, por nossa experiência de vida, o quanto, em qualquer atividade artística, o devaneio é essencial, e os artistas _ ah! os artistas bem antes de todos nós _ sabem também o quanto o devaneio lhes é essencial e se abriga contundente sob a sua pele, agitando os pensamentos desfeitos em outros e outros e mais outros, se confundindo com medos, alegrias e mil outros sentimentos, enfim. E ainda há, lado a lado à fantasia e ao devaneio, mas sempre a eles vinculados, aqueles que Freud diz serem os "instintos sexuais". Estranho parentesco, diríamos nós. Ligações que contudo, se atentarmos às nossas vivências, aos poucos irão se diluindo, e reconheceremos que o enigmático parentesco foi ou é vivenciado por todos nós. Freud, sempre cuidadoso em suas explicações, acrescenta que na infância e no período da latência, os instintos sexuais se comportam auto-eroticamente, e mesmo acontece de assim permanecerem na idade adulta, e jamais conseguirem se desligar completamente da prevalência do poderoso princípio de prazer.

Somos aqui levados a refletir sobre os resultados conclusivos de Freud, que então escreve: "assim como o Eu-de-prazer não pode senão *desejar*, trabalhar para a obtenção do prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos." ("Formulações...", p. 117,

⁶ Sobre o conjunto de questões relativas à criação artística, consultar Freud, Arte, Literatura e os Artistas. In Obras Incompletas. Trad. Ernani Chaves. São Paulo: Autêntica, 2015 (ver bibliô.).

grifo meu).⁷ Procurar o que é útil e proteger-se de danos: não é a isto enfim ao que nos impulsiona o princípio de realidade e sustenta a atividade trabalho em nossas vidas inseridas no mundo externo, sempre em interminável busca da comunidade humana perfeita?

Prossigamos em nossas reflexões a respeito do ensaio “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”. Alguns caminhos parecem facilitar a superação do princípio de prazer e a sua troca pelas inúmeras vantagens dadas pelo princípio de realidade. Na educação das crianças _“(…) que pode ser descrita, sem hesitação, como incetivo à superação do princípio de prazer, à substituição dele pelo princípio de realidade”_ parece que tal superação ensaia acontecer. Podem contudo ocorrer “desmoronamentos” e falhar completamente a possível superação: “[a educação] pretende ajudar no processo de desenvolvimento que afeta o Eu, recorre para isso a prêmios de amor oferecidos pelo educador (...). Eventualmente contudo há desmoronamentos que podem ocorrer, (...) e por isso [o educador] falha, se a criança mimada pensa que de todo modo possui esse amor e que em nenhuma circunstância o perde” (“Formulações...”, p. 117).

Contudo, na arte, “por via peculiar”, acontece enigmática solução do conflito entre os dois princípios de funcionamento do aparelho psíquico. Escreve Freud: “A arte efetua, por via peculiar, uma reconciliação dos dois princípios.” (“Formulações...”, p. 117, grifo do autor). É a via da fantasia, do devaneio que é trilhada na arte, porém em momento algum esta via prazerosa abandona ou anula o princípio de realidade. Na verdade, o artista, ao escolher a via fantasiosa, faz com que surjam, do seu caminhar artístico, outras e surpreendentes realidades _“realidades novas”_ que generosamente partilha com os “não-artistas”. E isto tudo está explicado em belas palavras de Freud aqui recuperadas: “O artista é originalmente um homem [ou uma mulher] que se afasta da realidade por não poder aceitar a renúncia à satisfação dos instintos que ela inicialmente requer, e concede a seus desejos eróticos e ambiciosos, inteira liberdade na fantasia. Mas encontra o caminho de volta desse mundo de fantasia para a realidade, ao transformar suas fantasias, por meio de dons especiais, em *realidades de novo tipo*.” (“Formulações...”, pp. 117-118, grifos meus). É esta a finalidade de qualquer trabalho artístico: criar realidades de novo tipo, que possam ser partilhadas com outros, os não-artistas, que igualmente estariam pouco satisfeitos com o mundo externo e se identificam ao fazer dos artistas, fazer este que toma existência como e enquanto *negação* esteticamente elaborada do mundo externo.

O trabalho _ qualquer atividade trabalho, e até mesmo a dos artistas, que reconcilia os dois princípios em um único fazer _ parece ter importância ineludível para a vida psíquica. Porém, existem *diferenças* profundas entre todos os

7 E prossegue Freud escrevendo palavras instigantes: “Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo de realidade, não significa a deposição do princípio de prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto aos seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois.” Destaca-se aqui uma reflexão que, em sua formulação mais problemática, Freud desenvolverá em outras ocasiões: as religiões e as ideologias são construídas pregando a renúncia momentânea ao prazer tendo em vista outra vida bem melhor, nos céus ou em um mundo futuro (ver, em particular, Freud. Psicologia das Massas e análise do Eu, 1921).

tipos de trabalho que despontam em *Mal-estar na Civilização*, livro que tomei como fio condutor nas atuais e breves reflexões.

Por um lado, escreve Freud, “a atividade profissional traz particular satisfação quando é escolhida livremente, isto é, quando permite tornar úteis, através da sublimação, pendoros existentes, impulsos instituais subsistentes ou constitucionalmente reforçados” (*Mal-estar...*, p. 36, n. 8). A atividade trabalho pode coincidir, neste caso, com atividade profissional *livremente* escolhida, sendo por meio dessa livre escolha que é efetuada, em nosso ser, a necessária elevação sublimada das potencialidades criativas que são nossas, de todos, artistas ou não-artistas. Porém, pondera Freud, isso parece bem raramente acontecer, sendo que “(...) o trabalho não é muito apreciado como via para a felicidade. As pessoas não se lançam a ele como a outras possibilidades de gratificação.” E prossegue explicando ainda mais claramente: “a imensa maioria dos homens trabalha apenas forçada pela necessidade, e graves problemas sociais derivam dessa natural aversão humana ao trabalho.” (*Mal-estar...*, p. 36).

Enfim, a atividade trabalho, na leitura que dela nos endereça Freud, parece ser o exercício corporal que leva a maioria dos seres humanos a frustrações permanentes e de difícil superação, sendo uma constante fonte de infelicidade, quando ali não se encontra a realização profissional, quando enfim não é uma escolha livre dos indivíduos. E relembremos o já comentado antes. Quando atividade trabalho *falha*, poderia ocorrer o seguinte: por ser ela uma ponte em direção à comunidade humana, o princípio de realidade se retrai profundamente, talvez esmagado por forças incontroláveis, no profundo inconsciente.

Em outras palavras: vai sendo aos poucos destituído de seus poderes um dos dois princípios que regem com força a vida psíquica de indivíduos adultos _ o princípio de realidade_ tanto quanto vai aos poucos se acentuando a infelicidade, em decorrência da frustração no trabalho, não-livremente eleito como atividade do indivíduo. Instalam-se assim as doenças psíquicas que, quando agravadas, destróem o corpo biológico de quem as carrega, podendo causar estragos profundos e sofrimentos, por vezes irremediáveis. Não é por acaso que a infelicidade é o outro tema que invade as primeiras páginas de *Mal-estar na Civilização*, sendo ela uma das fontes principais do lastro do *não estar bem*, do *se sentir frustrado*, do *mal estar* frente ao esmagador mundo externo.

Caminhos para a procurada reconciliação

Poderíamos agora nos indagar, diante do que foi dito antes, que seria talvez signo humano não-patológico o desejo de fugir da atividade trabalho *não* livremente escolhida, para encontrar na arte um refúgio confortador, espécie de terrestre utopia ou sonho idílico. Parece contudo existirem outros caminhos possíveis que generosamente se abrem aos nossos olhos, apontando para a reconciliação dos dois princípios psíquicos, os de prazer e de realidade, com a

atividade trabalho. Por essa outra via, poderíamos modificar por completo o nosso vínculo com o mundo externo, e quem sabe alcançaríamos o almejado sentimento de felicidade terrestre, ou de algo a ela aparentado.

Olhemos em direção ao passado recente. Divisamos ali exemplos concretos que, embora em parte destruídos pelo andar da história humana, deixaram rastros ainda visíveis de que é possível reconciliar os princípios prazer e realidade com a livre atividade trabalho, em direção à criação do absolutamente novo. Nesse movimento criativo, haveria grande chance de remodelarmos o mundo externo. Há poucos casos, é certo, porém são exemplares casos _ e já o rememorar o passado recente pode ser ato de lucidez prazerosa.

Na Escola Bauhaus _ “Bauhaus”, palavra alemã que literalmente significa “construindo casa”⁸ _ em tal educação de caráter interdisciplinar, apresentou-se a possibilidade de outro caminho, que começou a ser trilhado se não tivesse encontrado duros obstáculos históricos. Com rara lucidez, lembra-nos o arquiteto e ex-prefeito de Roma (Itália), Giulio Carlo Argan: “esta admirável escola de arte que foi a Bauhaus, é inseparável das condições históricas da república de Weimar e da frágil democracia alemã”⁹. A breve história da Bauhaus ocorreu nos anos de 1919 até a sua extinção, acontecida tragicamente em 1933, em triste época sombria de ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha¹⁰.

O principal campo de estudos da Escola Bauhaus era a arquitetura (como está auto-explicado pelo seu nome). Foi na esteira da arquitetura, que a Bauhaus apresentou planos para a construção de casas populares baratas na época da República de Weimar. Construção de casas baratas e populares, porém sem que em nenhum momento se abandonasse o projeto de unir o prazer estético à realidade funcional: planta livre, ventilação, sol abundante, entre outros princípios da arquitetura moderna.

Tal projeto de arquitetura moderna e barata, prazerosa e popular, multiplicou-se em uma infinidade de outras criações artísticas. São objetos diversos que, ao mesmo tempo e em igual materialidade, fundem prazer e funcionalidade em magníficas expressões artísticas, como demonstram as fotos (figuras em anexo) de utensílios domésticos, de luminárias, de cadeiras que ficaram mundialmente conhecidas e foram e ainda são reproduzidas, se apoiando sempre na perfeição do fazer artesanal unido à indústria mais avançada.

Acrescente-se que entre professores e alunos havia total liberdade de criação, sob algumas convicções filosóficas partilhadas. O currículo da Bauhaus previa três fases: o primeiro semestre era o alicerce da Escola Bauhaus, e inspi-

⁸ “Bauhaus”, palavra alemã formada de “Bau”, que significa “construção”(arquitetura) e “Haus” que significa “casa”.

⁹ Argan, G. C. *Walter Gropius e a Bauhaus*. Trad. Emílio Campos de Lima. Lisboa: Editorial Presença, 2ª. ed., 1990, p. 7

¹⁰ A Escola interdisciplinar Bauhaus foi criada em 1919 pelo arquiteto Walter Gropius. Dela fizeram parte, artistas da vanguarda europeia nas artes plásticas, na arquitetura, no teatro (entre os quais os pintores Lyonel Feininger, que desenhou a capa do manifesto da Bauhaus de 1919, caricaturista comercial de vários jornais nos EUA, músico, fotógrafo e ilustrador; o húngaro Moholy-Nagy que foi escritor, escultor, desenhista, fotógrafo e autor de fotomontagens; o arquiteto Mies van der Rohe para quem a arquitetura era estrutura e membrana externa, ou, como ele mesmo dizia, uma arquitetura de “pele e osso”, sendo que a perfeição técnica dos detalhes viria apenas apoiar este sentimento de vazio do espaço, que deveria ser preenchido pela vida. Enfim, inumeráveis outros artistas-artesãos, entre os quais encontram-se dramaturgos que revolucionaram a arte da representação teatral. Consultar Manifeste du Bauhaus, escrito pelo arquiteto Walter Gropius, em 1919 <https://art-zoo.com/manifeste-du-bauhaus/> (texto em alemão e em francês).

rava-se em concepções de Alfred Hozel, da Academia de Stuttgart. Hozel havia elaborado um método de ensino para libertar os estudantes de preconceitos em relação ao belo e à estética, adquiridos nas escolas primárias e nos ginásios. Era a preparação ou fundamento para a próxima fase. Nesta etapa seguinte, desenvolviam-se problemáticas mais complexas e mais diversificadas, como projetos industriais, pintura, escultura, arte publicitária, teatro, arte cênica e dança. Concluída a segunda etapa, igualmente pensada como fundamento, o aluno recebia o diploma da Bauhaus, e podia então começar o curso de arquitetura moderna propriamente dito¹¹.

Para finalizar estas poucas e breves reflexões, destaco do quadro magnífico dos integrantes da Escola Bauhaus, dois artistas plásticos: o russo Vladimir Kandinsky (1866-1944) e o suíço Paul Klee (1879-1940). Ambos também praticavam a arte da literatura, como poetas e, durante certo tempo, foram professores da Escola Bauhaus. Reproduzimos telas desses pintores (figuras 1 e 2), as quais nos remetem de volta a Sigmund Freud e ao psiquismo. Na “Conferência 31”, a imaginação criadora de Freud encontra palavras perfeitas: “Não podemos fazer justiça à peculiaridade da psique mediante contornos nítidos, como no desenho ou na pintura primitiva, mas sim como áreas cromáticas que se fundem umas nas outras, como nos pintores modernos”¹². E poderíamos acrescentar, embora isso não se mostre necessário ao entendimento do leitor, que Kandinski e Klee representam exemplarmente a pintura moderna à qual se refere Freud. Psiquismo, prazer-realidade, atividade humana livre enfim enlaçados no fazer da indústria mais avançada e no *savoir-faire* artesanal: reconciliação utópica ainda possível em nossos dias?

Referências bibliográficas

Livros e ensaios de Sigmund Freud

_ *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. “Conferência 31: Dissecção da Personalidade Psíquica” (1933). In *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, vol. 18.

_ *Mal-estar na Civilização* (1930) . In. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, vol. 18.

_ “Os dois princípios de funcionamento do psiquismo” (1911). In. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, vol. 10.

_ *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921). In. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011, vol. 9.

_ *Arte, Literatura e os Artistas*. In *Obras Incompletas*. Trad. Ernani Chaves. São Paulo: Autêntica, 2015

11 A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo foi pensada e criada sob o paradigma da Escola Bauhaus, aliás, como tantas outras, no mundo inteiro.

12 Freud, S. *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*. “Conferência 31”, p. 223 (ver biblio).

Outros Autores

ARGAN, G. C. *Walter Gropius e a Bauhaus*. Trad. Emílio Campos de Lima. Lisboa: Editorial Presença, 2ª. ed., 1990.

_____. *Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GAY, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

MARX, K. *O Capital, Crítica da Economia política*. T. 1 e 2. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Victor Civita, 1983.

LAPLANCHE J. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

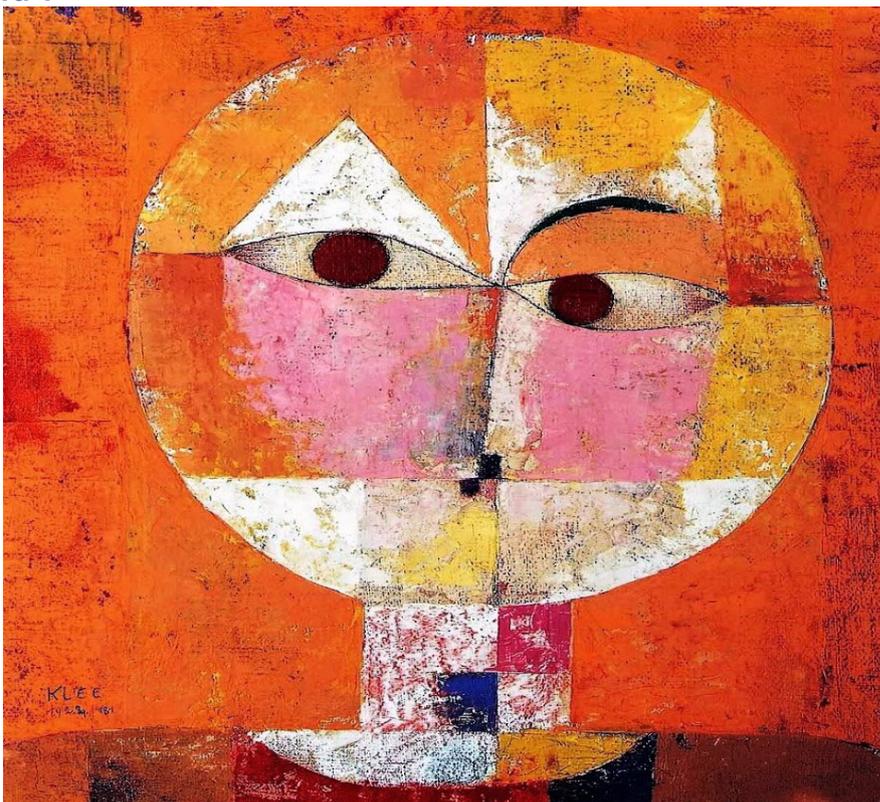
MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 7ª. ed., 2006.

McGINITY, Lary. "Bauhaus". In: Farthing, Stephen. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Trad. de A. Telles. Rev. técnica M.A. C. Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Imagens

Figura 1



Paul Klee: Sinésio (1923, período da Escola Bauhaus)

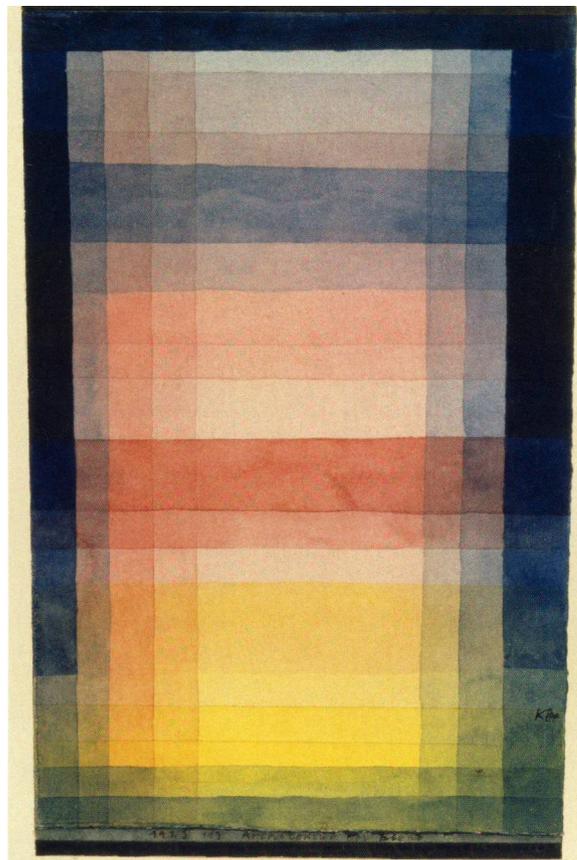
Figura 2



Wassily Kandinsky, Composição, (1923, período da Bauhaus). Era poeta e escreveu, entre outros:

"As cores
são a chave,
os olhos o machado,
a alma é o piano com as cordas".

Figura 3



Paul Klee, 1923.

Figura 4



Chaleira de Marianne Brandt, modelo MT49, 1924.

PRAZER-REALIDADE E ATIVIDADE
TRABALHO (RABISCOS ÀS MARGENS
DE MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO
(1930) DE SIGMUND FREUD

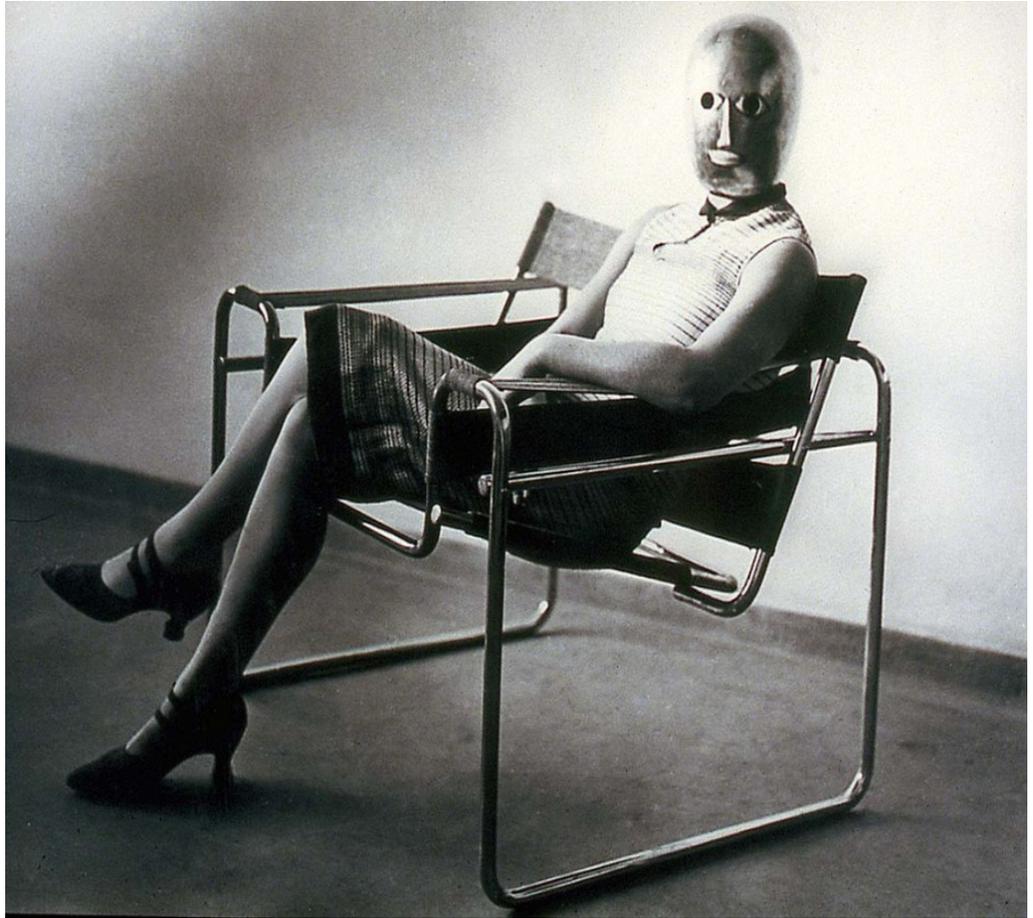
Figura 5



Luminária de Christian Dell, déc. 1920.

REVISTA CIÊNCIAS DO TRABALHO - Nº 7
ABRIL DE 2017

Figura 6



Poltrona sassily de Marcel Breuer, 1925-26.